

# A FORTALEZA ESCONDIDA

um filme de Akira Kurosawa

com Toshiro Mifune, Misa Uehara, Takashi Shimura, Susumi Fujita, Eiko Miyoshi, Minoru Chiaki, Kamatari Fujiwara

Cópia Digital Restaurada | *Kakushi toride no san akunin* | Japão, 1958 | 2h19 | P&B | M/12

Festival de Berlim 1959 – Urso de Prata e Prémio FIPRESCI

No século XVI, durante as guerras civis que assolam o Japão, uma princesa, a sua família, os seus guerreiros e o seu tesouro são perseguidos. A cabeça da princesa está a prémio. A princesa parte em busca de refúgio com um general, dois camponeses que este capturara, e o tesouro. Para chegar a uma região segura, o grupo deve atravessar território inimigo.

«Pela primeira vez, filmei em *cinemascope* [tohoscope]. Fiquei encantado, uma vez que sempre me irritara o mau enquadramento do 35 mm. [...] Foi um filme imensamente difícil de fazer. Durante as filmagens no Monte Fuji, éramos surpreendidos por tufões que arrasavam o nosso cenário. O clima na base do monte é muito inconstante e recordo-me de que, a certo ponto, esperámos mais de uma centena de dias pelo bom tempo e, por isso, o filme ultrapassou consideravelmente os três meses de produção inicialmente previstos.»

Akira Kurosawa



«Eu cresci numa terra pequena. Vale Central da Califórnia. E os cinemas não passavam muito mais do que *A Ponte do Rio Kwai* ou *The Blob*. Por isso, não tive grande contacto com filmes estrangeiros até ir para a escola de cinema. E foi então que conheci o trabalho de Kurosawa. O primeiro filme dele que vi foi *Os Sete Samurais*, e fiquei completamente agarrado. Para mim, aquilo que é realmente forte e único em Kurosawa é o seu estilo visual – um elemento fortíssimo na sua forma de contar histórias. Creio que isso é característico de uma geração de cineastas que ainda eram influenciados pelos filmes mudos, que é algo que me passou a interessar muito na escola de cinema. Ele usa lentes de longo foco, de que eu gosto muito. Em vários casos, isso permite-lhe isolar as personagens do plano de fundo. Vês enormes planos gerais, muita profundidade e, de repente, ele vem e isola as personagens do fundo e passas a focar-te exclusivamente nelas. Não há forma de não seres influenciado pelo seu uso da câmara. [...]

*A Fortaleza Escondida* foi uma influência na criação de *Guerra das Estrelas* desde o princípio. Eu andava à procura de uma história. Tinha algumas cenas – a cena do bar e a cena da

batalha no espaço – mas não conseguia pensar num enredo básico. Originalmente, o filme era um bom conceito em busca de uma história. E depois pensei em *A Fortaleza Escondida*, que havia revisto em 1972 ou 73, pelo que as primeiras versões do enredo se assemelhavam muito ao filme de Kurosawa.»

George Lucas sobre a influência de Kurosawa no seu trabalho



«Em sinopse, o enredo soa a mais uma das centenas de filmes de época que a indústria japonesa apresenta todos os anos – e esse é exactamente o objectivo do filme. Tal como acontece com *Sanjuro* (1962), Kurosawa utiliza propositadamente os elementos próprios dos filmes de espadachins: coincidência, lealdade, princesas disfarçadas, tesouros perdidos, a fuga através de linhas inimigas. Insiste também nos números de produção que caracterizam os filmes de época: vejamos a revolta dos escravos, maravilhemo-nos perante o festival do fogo, vibremos com a grande fuga!

Se *Os Sete Samurais* (1954) e *O Trono de Sangue* (1957) haviam sido, em parte, uma crítica ao filme de época convencional, *A Fortaleza Escondida* dá o passo seguinte e supera-o no seu próprio jogo. É como se Buñuel tivesse realizado *The Mark of Zorro*. Ao mesmo tempo, o próprio Kurosawa não é de modo algum imune aos encantos deste género particularmente limitado [...]. Apesar de admirar imensamente o que Mizoguchi, Yamanaka e Itami fizeram para tornar o filme de época interessante para o público contemporâneo, o seu apreço pela terra do nunca da *chambara*, onde a lei do mais forte impera e o herói canta à medida que brande a sua espada, é inegável. Kurosawa terá pensado: se o filme de época é frequentemente um exercício em heroísmo vazio, então este filme terá ainda mais heroísmo e não será vazio; se é uma opereta disfarçada com canções e danças, então eu vou desmascará-la; se é um conto de fadas por realizar, então eu vou realizá-lo. O resultado é aquilo a que chamam um drama de acção, mas um exemplar tão belo, tão imaginativo, tão cómico, tão terno, e tão sofisticado, que se tornou um dos filmes mais encantadores alguma vez feitos por Kurosawa.»

Donald Richie in *The Films of Akira Kurosawa* (Ed. University of California Press, 1965)